

Agora há vontade política, diz Bresser.

Redução da dívida, antes, era palavrão. Para o ex-ministro, há uma nova postura com Bush.

O ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira e o ex-presidente do Banco Central Fernando Milliet têm a mesma opinião sobre o estágio atual das negociações da dívida externa. Segundo eles, “o importante é que está havendo vontade política para resolver a questão da dívida externa dos países em desenvolvimento”. “Este é o primeiro passo para uma negociação mais ampla, e que pode render bons resultados”, concordam Bresser e Milliet, eles próprios dois ex-negociadores da dívida brasileira.

A opinião do ex-ministro e do ex-presidente do BC foi manifestada após o reconhecimento do presidente dos EUA, George Bush, de que para alguns países o peso da dívida torna impossível o crescimento econômico. Milliet lembrou que há dois anos, quando ele estava à frente do Banco Central, o ex-secretário do Tesouro americano, James Baker, considerava “maluca” a idéia de redução da dívida do então ministro Bresser Pereira. Uma proposta que “não dava nem para se pensar em falar”.

Arquivo/AE



Bresser: primeiro passo.

Mas essa postura mudou, e hoje outros países credores já admitem reduzir a dívida e viabilizar o aporte de mais recursos para o Banco Mundial e para o FMI. O ex-ministro Bresser Pereira acha que essa nova postura do governo americano é um reconhecimento de culpa pela elevação da dívida, provocada pela ampliação do déficit de sua balança comercial, que tinha de ser financiado com recur-

sos externos, elevando as taxas de juros internacionais.

“Hoje os EUA não têm recursos nem condições políticas ou econômicas para solucionar o problema dos países em desenvolvimento muito endividados, mas têm boa vontade”, diz Bresser. Segundo Milliet, o Japão já dá sinais de que quer auxiliar os devedores com o Fundo Nakasone, e seus bancos, por estarem mais provisionados, podem correr mais riscos. Para Bresser Pereira, no entanto, “independente da boa vontade aparente dos norte-americanos e da possível boa vontade dos credores europeus, o Brasil precisa é adotar soluções internas”.

Já o também ex-ministro Ernane Galvêas não acredita que os EUA façam algo de concreto para mudar o quadro de endividamento dos países em desenvolvimento, apesar das palavras do presidente George Bush. Na opinião do ex-ministro da Fazenda no governo Figueiredo, o Plano Brady não dará resultado, pois “exige um sacrifício muito grande da economia interna”.